

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA TEORIA À PRÁTICA

Gilmara Andara Giacomini<sup>1</sup>

Carina Fior Postingher Balzan<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo verificar como é realizada a contação de histórias na Educação Infantil e se a prática pedagógica explora as potencialidades da literatura infantil para o desenvolvimento integral das crianças. Para isso, a pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, ocorreu através de um estudo de caso em uma instituição de ensino de Bento Gonçalves/RS, em que foram observados três momentos de contação de histórias e aplicado um questionário aos docentes responsáveis pela prática. O artigo está estruturado em duas partes, sendo que na primeira há o desenvolvimento da fundamentação teórica a partir de autores como Abramovich (1997), Busatto (2003), Coelho (2000), Sisto (2012), Zilberman (2003), Vigotski (2007; 2018), entre outros; e na segunda, apresenta-se a contextualização do *locus* da pesquisa, a descrição das práticas observadas e a análise dos dados. Os resultados indicam que, de maneira geral, a intencionalidade da prática docente visou o desenvolvimento integral dos estudantes, utilizando as obras literárias para desenvolver a imaginação e a criatividade das crianças, porém, as atividades realizadas após a contação receberam maior ênfase em relação à fruição das obras.

**Palavras-chave:** literatura infantil; contação de histórias; prática pedagógica; desenvolvimento infantil.

*Contar histórias para crianças é abrir portas para um mundo mágico, onde a fantasia e a realidade se entrelaçam, alimentando a curiosidade e estimulando o aprendizado. (Monteiro Lobato)*

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da humanidade, a contação de histórias é uma forma de reunião, de confraternização, de relembrar o passado ou transmitir valores. No que tange à área da Educação, a prática pedagógica de se utilizar contos de fadas e maravilhosos, fábulas e outras narrativas apropriadas à faixa etária das crianças pode contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial, além de ampliar a compreensão do mundo que as cerca, bem como o autoconhecimento. Além disso, a contação de histórias é uma forma prazerosa de aproximar a criança do mundo letrado, instigando o gosto pela leitura dos livros.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Bento Gonçalves. Licenciatura em Pedagogia. E-mail: [gilmara20giacomini@gmail.com](mailto:gilmara20giacomini@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Orientadora Carina Fior Postingher Balzan. Docente da área de Letras do IFRS - *Campus* Bento Gonçalves.

É durante a infância que o ser humano experimenta vivências únicas, que o marcarão para sempre. As brincadeiras, o carinho e o cuidado que recebe das pessoas amadas e, não menos importante, o estímulo à imaginação através de histórias contadas serão determinantes para o desenvolvimento da criança como um todo.

A contação de histórias é uma prática pedagógica muito importante na Educação Infantil pois potencializa o desenvolvimento integral da criança, despertando a imaginação, a criatividade, a concentração e a ampliação do vocabulário. Além disso, desenvolve as emoções e a compreensão de si e do mundo a sua volta, inserindo a criança no mundo da leitura por meio do contato com os livros. Dessa forma, a contação de histórias deve ser uma atividade planejada a partir de uma base teórica e prática pertinente com vistas a alcançar um trabalho significativo com o texto literário.

A escolha das obras literárias exige o olhar sensível do educador, já que cada criança é única, é produtora de cultura e carrega consigo uma história, uma herança cultural que deve ser valorizada e respeitada. Também deve-se ter um cuidado especial com o espaço da contação, que pode ser um ambiente fechado, como a própria sala de aula ou a biblioteca, ou um ambiente externo, como o pátio ou um parque, conforme Sisto (2012). Esse espaço deve ser agradável e confortável, de modo a tornar a atividade um momento prazeroso. O uso de alguns recursos auxiliares como cenários, fantoches, dedoches, slides, enriquecem o momento da contação, porém não devem se sobrepor em importância à própria história (Abramovich, 1997). No que se refere à pessoa que irá contar a história, ao contador, o conhecimento prévio aprofundado da narrativa é imprescindível para a fluência da narrativa, além de atentar para a entonação e a musicalidade da voz, bem como para os gestos e movimentos (Abramovich, 1997).

Considerando-se o exposto, a pergunta geradora deste estudo é de que forma a contação de histórias é trabalhada na Educação Infantil, de modo que contribua para o desenvolvimento integral das crianças? O objetivo geral desta pesquisa foi analisar como é realizada a contação de histórias na Educação Infantil e se a prática pedagógica explora as potencialidades da literatura para o desenvolvimento integral das crianças. Os objetivos específicos, por sua vez, foram: i. compreender a importância da literatura infantil para o desenvolvimento infantil por meio de uma revisão bibliográfica; ii. verificar a prática da contação de histórias na Educação Infantil em uma instituição de ensino de Bento Gonçalves/RS; e iii. relacionar a prática docente observada com os estudos teóricos acerca da metodologia da contação de histórias.

Para tanto, o estudo exploratório e qualitativo, foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica a respeito da literatura infantil e da educação com autores como Fanny

Abramovich (1997), Cléo Busatto (2003), Nelly Novaes Coelho (2000), Celso Sisto (2012), Regina Zilberman (2003), Lev Semionovitch Vigotski (2007; 2018) e Maria Carmen Silveira Barbosa (2013). Na sequência, realizou-se um estudo de caso com observação direta da prática de contação de histórias em uma instituição de ensino de Bento Gonçalves e aplicação de questionário às professoras que realizaram a prática. As observações foram registradas em diário de campo e organizadas em forma de quadro comparativo para posterior análise. Os dados, por fim, foram analisados à luz do referencial teórico construído.

O ato de contar histórias exige do educador além de estudo e preparo, uma sólida base teórica, conhecimento das obras literárias e da metodologia de ensino da literatura infantil. A escolha deste tema de pesquisa deu-se a partir de vivências em espaços escolares, onde a contação de histórias nem sempre é realizada de forma planejada e com objetivos definidos, tornando-se assim uma atividade que fica em segundo plano e preenche momentos da rotina escolar em que há tempo sobrando. Realizada dessa forma, a literatura não é explorada em todas as suas potencialidades e pouco contribui para o desenvolvimento das crianças. A ausência de um repertório de leitura adequado, bem como da fruição de obras literárias ao ingressarem no Ensino superior pode ser um fator determinante para a falta de preparo dos educadores, diante disso, é primordial o estudo da literatura infantil no curso de Pedagogia.

O artigo apresenta inicialmente uma discussão sobre a literatura infantil, seguido da descrição do percurso metodológico, análise de dados e considerações finais.

## **2 A LITERATURA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

A presença da fantasia é imprescindível para as crianças, pois o experienciar é um processo que inicia quando a criança está formando o seu caráter, a sua personalidade, e quando começa a conhecer o mundo que a cerca. De acordo com Larrosa (2011, p. 5), “a experiência é ‘isso que me passa’. Não isso que passa.” Assim, quanto maior a aproximação da criança com a fantasia, maior a sua experiência no mundo e o conhecimento de si mesma. A literatura infantil coloca a criança em contato direto com a fantasia, que ao aproximá-la de fatos da realidade, promove o desenvolvimento pessoal, o autoconhecimento e o entendimento do outro.

Por meio da literatura, a criança se depara com situações conflituosas e, desta maneira, ela se identifica com alguma situação ou personagem da história e cria sobre esta um significado. Os contos de fadas, por exemplo, aproximam a criança de temas complexos como

a dor da perda, a velhice, o abandono, preparando-a para a vida. Nesse sentido, são tão importantes para a criança se desenvolver nos aspectos psicológico e emocional.

A possibilidade de as crianças estarem juntas para ouvir uma história e poderem conversar a respeito, expressar seus sentimentos, compartilhar suas experiências, é extremamente relevante para a sua formação, pois cada criança irá extrair algo da obra com a qual se identifica.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) menciona os cinco campos de experiência a serem desenvolvidos na Educação Infantil, cabendo destacar que a literatura se faz presente em todos eles, mas aparece de forma mais explícita no campo Escuta, fala, pensamento e imaginação. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), é no momento da narrativa que as crianças se organizam e se concentram para escutar a história e precisam ter tempo para pensar, relacionar o que escutam com as suas experiências, despertando a imaginação e instigando o diálogo, as trocas de experiências e vivências que enriquecem o aprendizado. “As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e ampliação do conhecimento de mundo” (Brasil, 2018, p. 38).

Além do supracitado, cabe frisar que é na Educação Infantil que a criança inicia um rico processo de interação, de rompimento de laços familiares, de reconhecimento de si mesma e do outro, além de dispor da importante oportunidade de se expressar, de compartilhar vivências, de conhecer diferentes ambientes e explorar materiais até então desconhecidos, e tudo isso utilizando-se do brincar, da ludicidade.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), são direitos de aprendizagem na Educação Infantil o convívio, o brincar, o participar, o explorar, o expressar, o conhecer-se. Nesse sentido, é quase impossível não reconhecer a literatura infantil como uma ferramenta importante no acesso a tais direitos, uma vez que a partir dela todos estes aspectos podem ser amplamente trabalhados.

### **3 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Ao ouvir histórias, momentos de divertimento, de aproximações ou estranhamentos serão proporcionados à criança. Além disso, mesmo que ainda não leia, o imaginário e a curiosidade serão despertados nos pequenos ouvintes. Para Abramovich (1997, p. 17), ouvir

histórias “é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos”.

De acordo com a autora, por meio das histórias, sentimentos como raiva, tristeza, alegria, saudade, medo, angústia, insegurança, ansiedade, tranquilidade, esperança podem ser despertados no ouvinte. Além disso, uma boa história possibilita abordar diversos conteúdos de forma divertida, lúdica, sem se tratar de uma aula, somente considerando a trama, os cenários, as personagens e as falas. “É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula” (Abramovich, 1997, p. 17).

Zilberman (2003, p. 26) postula que o professor ou o adulto que irá contar uma história deve atentar a alguns critérios de escolha da obra, garantido que sejam oferecidas às crianças obras de qualidade estética e literária, já que “não é por que estes ainda não alcançaram o status de adultos que merecem uma produção literária menor”.

A escolha da obra literária, nesse sentido, não depende somente da idade da criança a qual será destinada, mas também do seu desenvolvimento afetivo e intelectual, do seu nível de conhecimento, bem como do domínio da leitura, segundo Coelho (2000). É relevante lembrar também que a boa contação não se utiliza do didatismo, não se baseia na cobrança, mas no encantamento, no brincar com as palavras, no revelar o que está escondido dentro de cada pessoa, conforme Sisto (2012).

Além disso, reunir as crianças no momento da contação é importante, pois não há como ocorrer o desenvolvimento de forma solitária. É na convivência com o outro que ocorre o desenvolvimento humano. Um dos pressupostos básicos de Vygotsky é de que o ser humano se constitui enquanto tal na sua relação com o outro social (La Taille, 1992, p.24).

De acordo com o supracitado, e indo ao encontro das ideias de Vigotski (2007), quando interagem, as crianças imitam as ações de quem as cerca, que podem ser rotineiras ou que acontecem durante brincadeiras, ou ainda apreendidas no desfrutar de uma contação de histórias. Dessa forma elas ampliam as suas próprias capacidades de imaginar e assim o aprendizado acontece: “[...] a imaginação, base de toda a atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a científica e a técnica” (Vigotski, 2018, p. 16). Ou seja, a imaginação leva à criação, e nesse sentido a literatura infantil desempenha um papel de fundamental relevância.

Considerando a etapa da Educação Infantil, o contato com os livros e a contação de histórias deve acontecer ainda na primeira infância, quando a criança começa a explorar o

mundo ao seu redor, inicia o processo da fala e nomeia tudo que a cerca. Essa fase, na visão de Coelho (2000), inicia aos 15/17 meses e perdura até os 3 anos de idade. Aqui, a presença do adulto é fundamental como mediador entre a criança e o mundo dos livros.

Na segunda infância, a aproximação da criança com o livro já foi alcançada. Nessa fase, segundo Coelho (2000), a criança já explorou bastante o mundo ao seu redor e agora se volta ao entendimento de si mesma, predominando certo egocentrismo, por isso, a mediação do adulto ainda é fundamental, tanto em casa, quanto na escola. “[...] a presença do adulto é fundamental quanto a sua orientação para brincadeira com o livro” (Coelho, 2000, p. 33).

Nos livros ideais para essa fase, a imagem ainda deve predominar sobre o texto que, quando aparece, deve ser curto, cabendo ao adulto ler ou dramatizar. As imagens que podem ser coloridas ou em preto e branco e devem sugerir uma situação, além da presença de colagens, que texturizam as imagens, bem como linhas e traços que tornam o livro mais atraente, segundo Coelho (2000), e desta forma prenda a atenção e desperte a imaginação do leitor.

### **3.1 Como contar histórias?**

Para que uma boa contação de histórias ocorra, a percepção antecipada do local por quem irá fazer a atividade é primordial, para que se tenha uma noção de projeção da voz, além de detectar a presença de ruídos externos, que podem atrapalhar. O local escolhido para a contação pode variar desde a sala de aula, o pátio ou um jardim, a biblioteca, etc. O importante, segundo Sisto (2012), é usar a imaginação e transformar esse espaço em outros mais divertidos e convidativos.

Além disso, as palavras devem ser pronunciadas com clareza, considerando o ritmo que a história apresenta, bem como a sonoridade, de acordo com Sisto (2012). O segredo é não entregar tudo pronto, é permitir a imaginação. Imagens verbais podem ser usadas, por exemplo o *toc, toc* de alguém batendo na porta, ou as onomatopeias que compõe as imagens sonoras, por exemplo o *ssshhh*, de alguém pedindo silêncio.

A expressão corporal também é um recurso que, se bem usado, enriquece a narrativa. Mas cabe frisar que usar os movimentos corporais não significa fazer teatro, representar com movimentos exatamente o que o personagem está fazendo. De acordo com Busatto (2003, p. 74), “a linguagem teatral é um recurso didático rico, mas tem elementos distintos daqueles da narrativa”. A questão da postura também precisa ser muito considerada, não se conta uma

história com as mãos nos bolsos, se balançando ou sem ter nenhum movimento corporal, ou com os braços cruzados (Sisto, 2012).

É importante que o narrador conheça o seu corpo, bem como o espaço, a força que pode ser empregada e o tempo para que o movimento ocorra. O uso de outros recursos, como objetos, dedoches, fantoches, merece a mesma atenção dos movimentos corporais. De acordo com Busatto (2003, p. 77), “quando me refiro aos objetos penso na sua maleabilidade e possibilidades inerentes, que sugerem conteúdos, formas e criam imagens”. Ou seja, durante a contação é importante não revelar tudo o que está acontecendo, mas abrir espaço para o imaginar.

O ensaio, bem como a escolha de uma obra com qualidade literária também são requisitos imprescindíveis para o momento da contação. Nesse caso, é importante “abrir espaço para o lúdico, para o humor, sem deixar de observar a força e a coerência dos personagens, adentrar para a magia e a fantasia ou o real entremeando diálogos fluidos e ricos” (Sisto, 2012, p. 25).

Algumas combinações no momento da contação podem garantir o sucesso da atividade, pois é preciso antes de mais nada aprender a ouvir. Se a contação ocorrer em local fechado, o ideal é não ter barreiras próximas, quem conta pode ficar sentado ou em pé. Ao contar de pé, é possível observar com maior amplitude a expressão facial de cada criança e ter a liberdade do movimento corporal. Porém, de acordo com Busatto (2003), exige cuidado para que não ocorram movimentos de forma excessiva, permitindo que o peso do corpo seja distribuído corretamente para não haver interferências na voz.

O contato visual com o público é fundamental, além de demonstrar segurança, comprovar que conhece a obra, que leu muitas vezes antes. Quando possível, a utilização de instrumentos musicais enriquecem o momento, porém, os recursos sonoros e corporais não podem faltar. De acordo com Sisto (2012, p. 109), pode-se “usar os seus próprios recursos corporais para produzir e reproduzir sons, seja com a boca e/ou com outras partes do seu corpo”. Enfim, o essencial é contar com o coração.

#### **4 PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa aqui desenvolvida tem caráter exploratório e qualitativo. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir de livros e artigos que versam sobre a contação de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. Foram

utilizados estudos de teóricos como Fanny Abramovich (1997), Cléo Busatto (2003), Nelly Novaes Coelho (2000), Celso Sisto (2012), Regina Zilberman (2003), Lev Semionovitch Vigotski (2007; 2018). Em um segundo momento, foi realizado um estudo de caso, em que foram observados três momentos de contação de histórias em turmas da Educação Infantil em uma instituição de ensino do município de Bento Gonçalves/RS.

As observações das aulas, realizadas no mês de março de 2024, foram registradas em forma de diário de campo para posterior análise, com a elaboração de um quadro comparativo para melhor organização dos dados (Apêndice). Além disso, foi aplicado um questionário às docentes<sup>2</sup> responsáveis pelos momentos de contação de história observados. O questionário foi respondido por meio do aplicativo whatsapp. Posteriormente, os dados foram analisados à luz do referencial teórico construído, buscando verificar se a prática docente contempla os fundamentos da metodologia da contação de histórias.

#### **4.1 Breve contextualização do *locus* da pesquisa**

O *locus* da pesquisa foi uma instituição de ensino localizada no município de Bento Gonçalves. Neste ano, a escola passou a acolher cerca de 400 crianças da Educação Infantil, mais especificamente do jardim A e B, por meio de uma parceria firmada com o poder público municipal, portanto, as turmas em que se realizou a pesquisa são administradas pela Secretaria Municipal de Educação. As instalações da escola são amplas e o prédio de salas de aula possui dez andares, sendo que as crianças ocupam as salas do quarto (Jardim A) e quinto andar (Jardim B). Além disso, possui refeitório, brinquedoteca, biblioteca, que ficam no primeiro andar; e o espaço da hora do soninho, que fica no oitavo andar. A parte externa conta com um pátio amplo e um parquinho.

Foram realizadas três observações em três turmas do Jardim, com duração aproximada de uma hora cada. As observações aconteceram no mês de março (sendo duas delas no dia 19 e uma no dia 21). A turma do Jardim A5, primeira a ser observada, é composta por 19 crianças, com idades entre 4 e 5 anos incompletos, destas 10 são meninas e 9 são meninos. A turma do Jardim A2, segunda turma observada, é formada por 20 crianças com idades entre 4 e 5 anos incompletos, sendo 12 meninos e 8 meninas. A terceira observação foi na turma do Jardim B8,

---

<sup>2</sup> As docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando em participar da pesquisa. A identidade das docentes será preservada.

que conta com 21 crianças que irão completar 5 anos no decorrer de 2024, sendo 5 meninas e 16 meninos.

Em relação à formação das professoras que realizaram o momento de contação de história, temos o seguinte: a Professora X, que realizou a contação de história para as turmas do Jardim A2 e A5, possui graduação em Pedagogia e em Licenciatura em Letras, e especialização em Contação de Histórias, em Ludopedagogia e em Literatura na Educação Infantil e Anos Iniciais. A Professora Y, que é regente da turma Jardim B8, possui graduação em Pedagogia e especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Ambas as educadoras realizam o momento de contação de histórias uma vez por semana, sendo destinado a esse momento cerca de 45 minutos, assim distribuídos: 20 minutos para a contação em si e o restante para o momento introdutório e as atividades pós-contação. De acordo com a Professora X, a escolha dos livros se dá conforme o planejamento das professoras regentes das turmas, de acordo com datas comemorativas recomendadas pela escola ou conforme a curiosidade e a sugestão das próprias crianças, sempre levando em consideração que a obra seja adequada para a faixa etária. Já a Professora Y escolhe as obras de acordo com conteúdos e temáticas que deseja introduzir em consonância com os Campos de Experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

## **5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA**

Foram observados dois momentos de contação realizados pela Professora X, primeiramente com a turma do Jardim A5, na parte da manhã, e com o Jardim A2, durante a tarde. O terceiro momento foi realizado pela Professora Y, com a turma do Jardim B8. Todas as práticas ocorreram no espaço da sala de aula, pois, segundo as educadoras, é o local onde geralmente acontece a contação de histórias.

### **5.1 Primeiro momento**

Para o Jardim A5 foi contada a história *O Jogo do puxa-puxa*, escrita por Flávia Muniz. Houve a montagem de um pequeno cenário, composto por uma mesa coberta por um tecido rosa e, na altura dos olhos das crianças, colada a gravura de um macaco, que era o personagem central da história. Sobre a mesa havia ainda outras imagens de animais presentes na história, um fantoche de macaco feito de tecido e o livro.

Posicionada em pé ao lado da mesa, de frente para a turma, a educadora inicialmente mostrou o livro, indicou quem era o escritor e folheou-o, chamando a atenção para as imagens e segurando de forma a permitir que as crianças conseguissem visualizar e ter uma noção sobre a temática da história. As crianças estavam sentadas uma ao lado da outra, formando duas filas. Ocorreu uma conversa inicial a partir dos questionamentos: “Sobre o que vocês acham que fala a história? Onde vocês acham que vive o macaco? Quais animais aparecem na história?”. A partir dessas questões, algumas crianças responderam que a história iria falar sobre um macaco; sobre um macaco que pula de galho em galho; sobre um macaco que vive na floresta. Algumas mencionaram que aparece na história um gato, um cavalo, um leão, um pato, entre outros. Após o levantamento de hipóteses, a professora começou a contar oralmente a história. A turma ouviu com atenção e interesse, demonstrando muita curiosidade e atração pelas imagens. Ao longo da contação, o fantoche do macaco foi entregue para as crianças manusearem e, por um momento, desviou a atenção delas. No entanto, o tom de voz empregado pela professora e as expressões faciais permitiram que a atenção fosse retomada.

Como a Professora X foi mostrando as imagens impressas dos personagens enquanto ia contando a história, a gestualidade não foi muito expressiva. Pôde-se notar que a professora contou a história de forma bastante acelerada, como se tivesse pouco tempo para a contação. Esse fato se confirmou devido à rotina da turma, pois assim que a contação terminou, era a hora do intervalo da professora e, na sequência, do almoço das crianças.

No retorno do intervalo, a Professora X retomou a história perguntando às crianças se elas haviam entendido que o macaco puxava o fio no corpo dos outros animais, porém, o fio que ele achara caído na floresta era seu e estava preso no seu rabo? Fazia parte do seu corpo? Elas responderam que sim. Perguntou também se haviam gostado da história, obtendo uma resposta positiva. Na sequência, as crianças puderam explorar o livro, as imagens e o fantoche. Algumas crianças analisaram com atenção todas as páginas do livro, outras, em contrapartida, demonstraram mais interesse em brincar com o fantoche, mas em ambos os casos ficou evidente que haviam gostado.

Em seguida, as crianças foram convidadas a ocupar os seus lugares para colorir o desenho de um macaco com giz de cera. A Professora X colocou um palito de picolé atrás da figura que já estava cortada e colorida, produzindo assim um palitoche que foi levado para casa a fim de que as crianças pudessem brincar e recontar a história para seus familiares. Além dessa atividade, foi entregue uma folha A4 para que cada um desenhasse o que entendeu da história,

conforme a sua imaginação. A educadora sugeriu que fizessem uma floresta, cenário no qual a história se desenvolveu.

## 5.2 Segundo momento

No momento de contação realizado para o Jardim A2 não houve utilização de cenários, tampouco de recursos adicionais; somente o livro *O Coelho sem Orelhas*, escrito por Klaus Baungart e Til Schweiger, foi empregado na atividade. Para introduzir a história, a Professora X colocou o áudio de algumas músicas sobre o Coelho da Páscoa, já que era época de Páscoa, e as todos puderam dançar, aproveitando o momento para se divertir. Na sequência, as crianças se acomodaram, ficaram dispostas no centro da sala e a educadora ficou em pé na frente delas.

Ficou nítido que a Professora X conhecia a história e que houve um preparo antecipado, pois enquanto realizava a leitura, segurava o livro voltado para as crianças e ia se movimentando entre elas para que pudessem visualizar e interagir com as imagens. O tom de voz empregado alcançava toda a turma, e a entonação dada às palavras permitia dimensionar, por exemplo, a distância ao enfatizar que o coelho corria “de lá para cá”, que o “lá” era um lugar muito distante e o “cá” mais próximo. As expressões faciais traduziam a emoção sugerida pelos acontecimentos, instigando a imaginação dos ouvintes.

Pôde-se perceber que alguns questionamentos feitos pela docente no decorrer da contação, como por exemplo: “O que será que vai sair de dentro do ovo?”, ou perguntas a partir de imagens que impressionaram as crianças, por exemplo: “Existe pinto com orelhas?”, além de conversas paralelas na turma, dispersaram um pouco a atenção, gerando certa movimentação na sala de aula. Outro fator a ser apontado é que o livro, apesar de ter pouco texto em cada página, era bastante extenso para crianças pequenas, o que contribuiu para a dispersão de alguns. A Professora X comentou que a escolha da obra teve o intuito de introduzir a data comemorativa da Páscoa.

Na sequência, as crianças receberam a imagem de um coelho impresso, já recortado, sobre a qual foram sobrepondo pequenos pedaços de massa de modelar, pressionando com os dedos até cobrir todo ele. Percebeu-se no decorrer da atividade que algumas crianças apresentavam grande dificuldade na realização de trabalhos manuais que envolvem a motricidade fina, porém, de maneira geral todas demonstraram gostar muito de manusear o material. Cada criança usou uma cor diferente, conforme orientação da educadora, para enfatizar as diferenças. Por fim, a Professora X colou um palito de picolé, formando um

palitochê, o qual foi levado para casa para brincar e recontar a história aos familiares. Como última atividade, cada indivíduo recebeu uma folha A4 para desenhar o coelho sem orelhas conforme a sua imaginação. Nessa etapa ficou evidente o quanto as crianças gostam de se expressar através do desenho, já que a atividade foi realizada com muita empolgação.

### 5.3 Terceiro momento

Na terceira observação, agora com o Jardim B8, a Professora Y, sentada em círculo junto com as crianças, cantou uma música a fim de obter um ambiente silencioso para a contação. Após realizou alguns combinados com a turma sobre o ouvir a história, além de orientá-los sobre a postura: sentados e perninha de índio. Em seguida, utilizando como recurso uma caixa de papel com dois rolinhos, parecidos com um cilindro, a educadora mostrou a capa da história impressa *A ovelha rosa da Dona Rosa*, escrita por Donaldo Buchweitz, e na sequência lançou a seguinte questão: “Vocês imaginam sobre o que a história fala?”. Várias hipóteses surgiram e culminaram na temática cores, propiciando uma roda de conversa, na qual cada criança relatou com empolgação sobre sua cor preferida.

A leitura da história foi realizada com calma, as pausas feitas nos lugares corretos, e o ritmo, o tom de voz empregado tornou a história mais atraente e emocionante, instigando o suspense e enfatizando o imaginar. Cada página foi lida com o recurso voltado para a educadora e em seguida direcionado às crianças que demonstraram ter amado a maneira usada pela professora para apresentar a história, pois todas ouviram com atenção e puderam tocar nas duas ovelhas que estavam afixadas em cima da caixa.

Além disso, no decorrer da história, surgiram algumas questões por parte das crianças: “Existe ovelha rosa de verdade?” e “Será que existe uma fazenda que seja toda rosa?”. A Professora Y logo respondeu que existem ovelhas de cores diferentes (branca, cinza, preta), porém rosa ela achava que não; quanto à cor da fazenda, ela destacou que pode ser que exista sim. Os gestos com as mãos e as expressões faciais empregados pela educadora também ficaram evidentes, enriquecendo o momento. Percebeu-se, contudo, que a qualidade estética da obra ficou comprometida, pois as páginas fotocopiadas não apresentavam boa nitidez, nem constavam informações sobre o autor e o ilustrador na capa da obra.

Após um diálogo sobre as impressões que cada um teve da história, a educadora destacou a temática do respeito às diferenças, que cada um de nós tem as próprias características. Em seguida, as crianças receberam uma folha com a imagem da face de uma

ovelha com os encaixes para a confecção de uma máscara. Cada criança coloriu o seu desenho com lápis de cor e recortou. A professora colou dois palitos de picolé na parte de trás para facilitar o manuseio, e as crianças levaram para casa para brincar e recontar a história aos familiares de acordo com sua imaginação. Foi possível aferir muita empolgação na realização da atividade, pois em vários momentos as crianças mostravam como estavam ficando as suas máscaras, coloridas com as cores de sua preferência e questionavam se estavam bonitas.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

Em relação às obras literárias escolhidas para os momentos de contação, nota-se que estão de acordo com a faixa etária das crianças, neste caso pré-leitores, pois as imagens predominam sobre o texto e sugerem um acontecimento, uma ação, apresentando, além disso, traços e cores marcantes, conforme aponta Coelho (2000). No que tange ao texto escrito, percebe-se certa repetição de palavras e de frases, e é notável na história *O Jogo do Puxa - Puxa*, escrita por Flávia Muniz, a presença de rimas. Essa característica é relevante na fase de desenvolvimento dos pré-leitores, como destaca Coelho (2000, p. 34): “A técnica da repetição ou reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado.”

A obra *O Coelho sem Orelhas*, escrito por Klaus Baungart e Til Schweiger é adequado à faixa etária, tendo predominância de imagens sobre o texto, porém, percebeu-se que o projeto gráfico deixa a desejar, uma vez que apresenta poucas imagens com cores vivas, imperando a cor branca no corpo das páginas. Para a obra *A ovelha rosa de Dona Rosa*, escrita por Donald Buchweitz, foi utilizada uma fotocópia que não apresentava boa qualidade na impressão, o que prejudicou de certa forma a fruição estética da obra no momento da contação. De acordo com Coelho (2000), a falta de qualidade das ilustrações implica também no enfraquecimento das associações que a criança faz entre o seu imaginário, a sua realidade e a palavra usada para nomear e significar essa vivência. Diante disso, ao considerar a etapa de desenvolvimento das crianças observadas na presente escrita, quanto mais cor, mais traços marcantes, maior texturização, mais atraente a ilustração se torna.

Nos três momentos observados, foi possibilitado o contato amplo das crianças com os livros físicos através da maneira como as professoras os manusearam, voltando-os constantemente ao público, promovendo a interação com as obras, a percepção de texturas e das ações que as imagens sugeriam. Isso permitiu o despertar da imaginação e a criação de

novas histórias, de novas possibilidades e questionamentos, instigando o gosto pelo mundo da leitura desde cedo, além da percepção da presença da palavra escrita em forma de texto, que começa de cima para baixo, da esquerda para direita.

Em relação à prática docente, evidenciou-se que as professoras planejaram o momento de contação com antecedência, preparando-se para as atividades, conhecendo bem o texto, contando ou lendo com segurança, fazendo boa imposição da voz e respeitando as pausas, explorando as imagens verbais, os momentos de suspense e surpresa do texto. Por meio da entonação e do ritmo, buscaram transmitir a emoção da história e a percepção do que estava sendo narrado, indo ao encontro do que postula Abramovich (1997), ao enfatizar que a leitura/e ou narração de uma história para as crianças não deve ser feita de qualquer maneira, demonstrando o desconhecimento da história: “[...] empacar ao pronunciar o nome de um determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu as frases [...]” (Abramovich, 1997, p. 20).

Ao utilizarem tanto a leitura quanto a contação sem o suporte do livro, as educadoras foram assertivas ao não empregar diminutivos ou substituir palavras por expressões mais cotidianas, respeitando o texto literário. Celso Sisto (2012) considera isso fundamental na hora da contação, pois a criança não é diminuta, não deve ser apequenada em sua importância e capacidade de compreensão. Além do mais, a literatura é uma forma privilegiada de ampliação do vocabulário.

Ainda em relação à gestualidade e ao uso da voz, as educadoras exploraram as expressões faciais, as pausas do texto, a musicalidade da voz que favorece a compreensão da correta sonoridade das palavras, conforme Busatto (2003). No entanto, pôde-se perceber que a Professora X, durante a contação para o Jardim A5, empregou um ritmo bastante rápido na narração do texto, o que pode prejudicar a compreensão da história por parte dos alunos-ouvintes. Nas palavras de Sisto (2012, p. 52), com relação ao ritmo:

Cada parte da história exige uma “orquestração” diferente. Um ritmo que se usa para introduzir os elementos que serão desenvolvidos numa história não pode ser o mesmo utilizado quando a história vai se aproximando de seu ápice ou de seu momento de impasse.

Em relação ao ambiente da contação, nos três momentos observados, a prática ocorreu na sala de aula da turma. De acordo com Sisto (2012), o ambiente em que se dá a contação também é relevante para a fruição da história, como a construção de cenários, de um ambiente aconchegante, utilizando-se de tapetes, almofadas, cortinas, imagens, cheiros, além de

materiais (latas, madeiras, caixa de fósforos, entre outros), recursos que podem ampliar as possibilidades que as histórias oferecem.

De acordo com as professoras que participaram da pesquisa, o fato de realizarem toda a rotina com as turmas no decorrer do dia não possibilita que o momento da contação seja melhor organizado com a construção de cenários elaborados, por exemplo. Assim, em nenhum dos três momentos observados a estrutura da sala de aula sofreu grandes alterações, porém, a forma como as crianças foram acomodadas para ouvir a história (sentadas uma ao lado da outra e em círculo) permitiu que a aproximação entre o(a) contador(a) e os ouvintes ocorresse. Além disso, as professoras usaram recursos auxiliares como fantoche, imagens impressas, caixa de som e um cilindro feito com caixa de papel para o momento da contação. Apesar de não terem sido explorados espaços externos à sala de aula, conforme o destacado no questionário respondido pelo whatsapp, de acordo com Sisto (2012), é quem conta que deve permitir o imaginar, pois a sala de aula pode ser transformada em vários lugares (floresta, fazenda, castelo, etc.).

No que tange ao modo de contar a história, nas duas primeiras observações, a Professora X narrou primeiramente e leu no segundo momento a história em pé, conseguindo circular entre os estudantes e tendo o cuidado de não realizar movimentos excessivos, caracterizando uma peça de teatro, nem tampouco enrijecendo o seu corpo de forma a ocorrerem interferências na sua voz, cuidados esses recomendados por Busatto (2003). Já a Professora Y escolheu juntar-se às crianças e sentar-se com elas em círculo, o que limitou os movimentos corporais, mas não diminuiu a expressividade oral da contação, conforme observado. Outra atitude desejável que ambas as professoras realizaram foi a distribuição uniforme do olhar para todas as crianças, pois o olhar, segundo Sisto (2012, p.51), é “o cordão umbilical do contador de história que o liga à sua plateia.”

Um fator que comprometeu um pouco as duas primeiras contações observadas foi a falta de combinados da Professora X com as turmas quanto à circulação de pessoas durante a contação, ao silêncio durante a história, ao momento de responder as questões que iam surgindo e à organização dos estudantes para ouvi-las. Para Busatto (2003, p. 65), “[...] o silêncio na narrativa é imprescindível, mas o silêncio aqui tratado não é um silêncio vazio, mas antes pleno de significados”. Compreende-se que para imaginar, para interiorizar, é preciso, antes de mais nada, escutar com o ouvido e com o coração.

As atividades realizadas antes e depois da contação da história propriamente dita também contribuem de forma a inserir o texto na vida das crianças e trazer um significado a

elas, como apontam Costa, Ramos e Panozzo (2007). Na prática observada, as docentes prepararam a turma para o momento de contação por meio de questionamentos sobre a capa do livro e/ou imagens relacionadas, para as quais foram levantadas hipóteses de leitura por parte dos alunos. As atividades realizadas após a contação, engajaram as crianças com a história, além de trabalharem habilidades como a motricidade, a expressão artística através do desenho e da pintura, a imaginação ao recontar ou criar novas versões da história aos familiares utilizando os palitoches ou a máscara confeccionada.

Pôde-se perceber também que as professoras realizaram alguns questionamentos e comentários no decorrer da contação, instigando a curiosidade das crianças, porém, em certos momentos isso dispersou um pouco a atenção da turma, já que são crianças pequenas. É importante destacar que em nenhum momento a história foi explicada, impedindo que as crianças imaginassem por si próprias, o que é um fator positivo. Além disso, as emoções e/ou as frustrações que as histórias poderiam despertar no ouvinte não foram amenizadas ou mascaradas, pois são necessárias para o autoconhecimento e para a compreensão do mundo que as cerca.

Um aspecto que deve ser considerado na análise diz respeito às atividades pós-contação, principalmente à confecção dos palitoches e máscaras. O tempo dedicado a essas atividades recebeu bastante ênfase por parte das docentes, interferindo no aproveitamento do tempo destinado à contação da história. Nesse sentido, o momento da leitura/contação em si poderia ter sido feito com mais calma e a fruição da obra literária poderia ter sido buscada com mais afinco por meio do diálogo sobre a história, da troca de ideias, da exploração da linguagem literária (repetições, rimas, sentido das palavras). Como aponta Abramovich (1997, p.147): “Se cada livro chama a atenção por algo de especial, por que não deixar a criança - sozinha - descobrir essa especificidade que ela sentiu, percebeu... e escolher sobre o que quer falar?”.

A preocupação da escola, e dos professores, em gerir o tempo das atividades e dar conta do conteúdo previsto para o trimestre ou semestre, é um tanto complexa. Barbosa (2013) chama a atenção sobre a questão do tempo do capital, a pressa, a cobrança de produtividade tanto dos educadores quanto dos estudantes, que infelizmente impede as crianças de experimentarem a ludicidade como meio de aprendizado e uma forma de viver plenamente a infância.

Constatou-se, assim, que a intenção didática foi bastante considerada no planejamento e na realização dos momentos de contação de histórias observados, pois por meio das atividades posteriores, as crianças foram levadas, entre outras coisas, a aprender a segurar a

tesoura corretamente para o recorte, colorir dentro do espaço da imagem, preencher a gravura com pequenos pedaços de massa de modelar, trabalhando a motricidade fina. Tais aspectos são de extrema relevância para o desenvolvimento infantil, porém, de acordo com Regina Zilberman (2003), não se pode confundir a função formadora da literatura infantil com uma missão pedagógica. A literatura “dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura - a de conhecimento do mundo e do ser” (Zilberman, 2003, p. 29). Ou seja, a necessidade de realizar atividades pós-contação, que se materializaram em forma de palitoches, máscara e desenhos, a fim de que os indivíduos levassem um trabalho para casa, deixou de abordar as possibilidades que a literatura infantil apresenta para o desenvolvimento integral das crianças por meio da reflexão sobre as histórias, exploração da linguagem literária e análise das ilustrações.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo geral analisar como é realizada a contação de histórias na Educação Infantil e se a prática pedagógica explora as potencialidades da literatura para o desenvolvimento integral das crianças.

A partir da observação dos três momentos de contação de história e do questionário aplicado às professoras responsáveis pela prática, percebe-se, de maneira geral, que a intencionalidade da prática docente visou o desenvolvimento global do sujeito, utilizando a obra literária para desenvolver a imaginação e a criatividade das crianças, conforme aponta Abramovich (1997).

A performance das educadoras no momento da contação valorizou a obra literária escolhida para cada turma. Houve a exploração ponderada da gestualidade, das expressões faciais e a distribuição uniforme do olhar. A expressividade oral evidenciou-se a partir da musicalidade da voz e da entonação empregada para transmitir às crianças as sensações e emoções evocadas pelo enredo das histórias.

As crianças manusearam as obras literárias explorando as ilustrações e as texturas, dialogaram sobre o que lhes chamava a atenção e questionaram o que lhes causava estranhamento. Por meio das atividades de desenho propostas puderam realizar uma releitura da obra, desenvolvendo a imaginação. Com a confecção dos palitoches e máscaras, exploraram as cores, a motricidade e, ao levarem os trabalhos para casa, criou-se a oportunidade de recontarem a história à família.

Relacionando a prática observada em sala de aula com a fundamentação teórica construída, evidenciou-se, contudo, que a fruição das obras literárias poderia ter ocorrido com maior ênfase, através da ampliação do diálogo sobre a história, da exploração da linguagem literária e dos sentidos evocados pelas palavras, da construção de interpretações para personagens e enredos. Verificou-se que a intenção didática predominou nas atividades de pós-contação com a finalidade de desenvolver habilidades motoras e cognitivas.

Os momentos de contação de história observados poderiam ter sido mais significativos se as professoras tivessem realizado combinados com as crianças, orientando-as quanto ao silêncio durante a contação, a circulação, a realização de questionamentos que podem ocorrer ao findar a história, promovendo um rico momento de trocas. Além disso, o tempo destinado à contação de histórias, jóia rara da atualidade, precisa ser considerado como atividade integrada ao currículo escolar. A história precisa ser contada com calma, permitindo os alunos fruírem sem pressa, imaginar, fantasiar.

A partir deste estudo, verifica-se que a formação literária dos professores é imprescindível para enriquecer o momento de contação de histórias e pode acontecer por meio da realização de oficinas, cursos de aperfeiçoamento, formação continuada, além, é claro, da inserção do componente Literatura Infantil e Juvenil no currículo do curso Superior de Pedagogia. Além disso, o ato de narrar ou contar histórias deve ser muito exercitado pelos docentes, sempre buscando aperfeiçoar a gestualidade, a imposição da voz, a dramaticidade do texto. Como aponta Sisto (2012, p.74), “[...] contar histórias não é tarefa fácil. É preciso técnica, muita técnica, decorrente da experiência, para não fazer da história narrada outra coisa diferente do que se propõe.”

Conhecer um acervo variado e compreender que as obras de literatura infantil de qualidade se destacam por suas características literárias e estéticas, que apresentam particularidades de acordo com a faixa etária da turma, também é fundamental para possibilitar que a contação de histórias seja um momento de formação de leitores.

Outro aspecto importante para favorecer a contação de histórias é que as instituições de ensino tenham uma biblioteca com acervo atualizado, variado e em boas condições, que os professores possam acessar e as crianças possam explorar livremente esse espaço. O professor também pode criar um ambiente propício para a contação de histórias na própria sala de aula, com uma pequena biblioteca, tapetes e almofadas, a fim de tornar os momentos de contação mais significativos. Além disso, pode realizar visitas com a turma em bibliotecas públicas da

cidade, em livrarias, feiras do livro, permitindo que todos os estudantes possam ter contato com o mundo fantástico dos livros, que possam viajar para lugares distantes sem sair do lugar.

Por fim, considera-se que a presente pesquisa pode contribuir para a formação dos futuros professores, principalmente dos que escolherem atuar na Educação Infantil, etapa em que o educador precisa construir o conhecimento com as crianças de forma lúdica, prazerosa, entrelaçando o real e o fantástico de forma a prender a atenção dos estudantes, e o trabalho com a literatura infantil traz várias possibilidades para isso.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAUMGART, Klaus. **O Coelho sem orelhas**. São Paulo: Panda Books, 2012. 56 p.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Tempo e Cotidiano: tempos para viver a infância**. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/185/122> Acesso em: 03 fev. 2024

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 18 ago. 2023.

BUCHWEITZ, Donald. **A ovelha rosa da dona Rosa**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2021.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Maraísa Mendes da; RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. **Educação infantil: literatura como espaço de fruição**. 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/NeivaPanozzo/publication/277055005\\_EDUCACAO\\_INFANTIL\\_LITERATURA\\_COMO\\_ESPACO\\_DE\\_FRUICAO/links/5c0adf7092851c39ebdb5413/EDUCACAO-INFANTIL-LITERATURA-COMO-ESPACO-DE-FRUICAO.pdf](https://www.researchgate.net/profile/NeivaPanozzo/publication/277055005_EDUCACAO_INFANTIL_LITERATURA_COMO_ESPACO_DE_FRUICAO/links/5c0adf7092851c39ebdb5413/EDUCACAO-INFANTIL-LITERATURA-COMO-ESPACO-DE-FRUICAO.pdf). Acesso em: 13 fev. 2024.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. Disponível em: <https://sgmd.nute.ufsc.br/content/especializacao-cultura-digital/educacao-infantil/medias/files/experiencia.pdf> Acesso em: 25 set. 2023.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MUNIZ, Flávia. **O jogo do puxa-puxa**. São Paulo: Editora FTD, 2012.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias.** Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico livro para professores. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

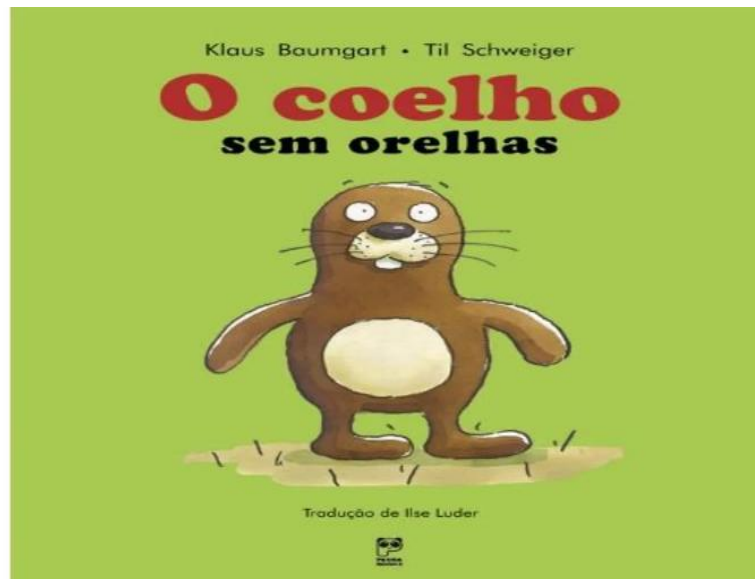
## ANEXOS

### Anexo 1 - Livro usado na primeira contação



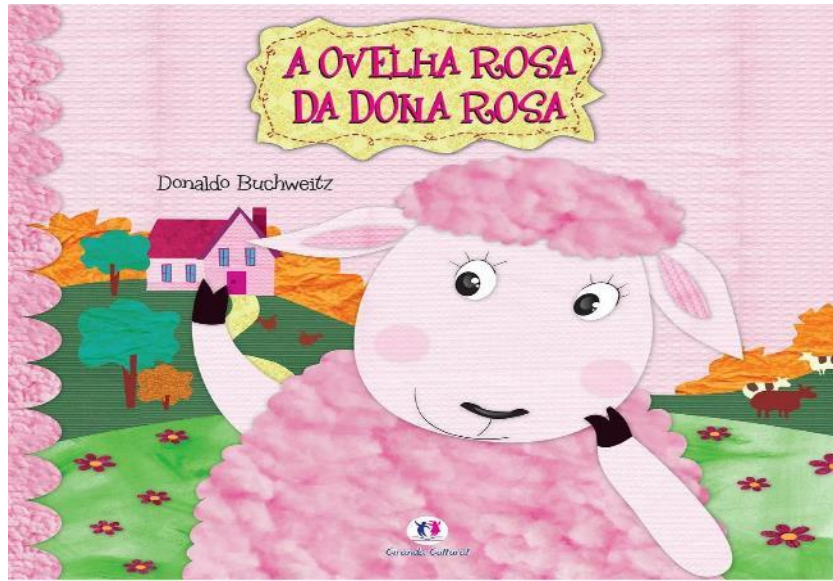
Fonte: Bing Imagens

### Anexo 2 - Livro usado na segunda contação



Fonte: Bing Imagens

**Anexo 3 - Livro usado na terceira contação**



Fonte: Bing Imagens

**Anexo 4 - Imagens da turma do Jardim A2 (Professora X)**



Fonte: Repositório Pessoal

**Anexo 5 - Imagens da turma do Jardim A5 (Professora X)**



Fonte: Repositório Pessoal

**Anexo 6 - Imagens da turma do Jardim B8 (Professora Y)**



Fonte: Repositório Pessoal

## APÊNDICE

Quadro comparativo elaborado para o momento das observações.

### Observando o momento da contação

Conforme o observado será assinalado com um <b>X</b> em <b>SIM</b> ou <b>NÃO</b>	PROFESSORA X JA5		PROFESSORA X JA2		PROFESSORA Y JB8	
A contação foi planejada com antecedência? (Abramovich, 1997)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
É possível notar que a professora considerou os interesses da turma ao escolher o livro? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
Fica evidente que a professora se identifica com a história? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
O livro é pertinente à faixa etária? (Coelho, 2000)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A parte estética do livro é explorada com e/ pelas crianças? (Coelho, 2000)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A professora dispõe de recursos (fantoques, dedoches, aventais, sonoplastias, cenários, instrumentos musicais), para a contação? (Abramovich, 1997)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
São utilizados materiais como caixa com fósforos, madeiras, latas, entre outros durante a contação? (Abramovich, 1997)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
O uso dos recursos se sobrepõe a história? (Abramovich, 1997)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
Há a criação de um ambiente aconchegante para a contação, utilizando-se tapetes, almofadas, cortinas para diminuir a luz, sons, cheiros, imagens, entre outros? (Sisto, 2012)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
A forma como o local foi preparado permite a aproximação entre o contador e o ouvinte? (Sisto, 2012)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
São realizadas atividades de abertura e encerramento do momento da contação? (Abramovich, 1997)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A professora emprega o volume da voz de forma ampliada atingindo a todas as crianças? (Abramovich, 1997)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO

A entonação utilizada pela professora permite que as crianças percebam a intensidade do que está sendo narrado? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
O ritmo em que a história é contada permite que as crianças tenham tempo para criar imagens mentais, fantasiar e fazer associações com suas experiências? (Busatto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
As imagens verbais ou onomatopeias são utilizadas para enriquecer a contação e instigar a imaginação ou são ignoradas? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A contação/ narração permite que as crianças apreendam a correta sonoridade das palavras? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A sonoridade quando empregada está em consonância com a história? Faz sentido? (Sisto, 2012)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A professora utiliza muitos diminutivos ao contar a história? (Sisto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
A professora utiliza como fonte a história oral para o momento da contação? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
A professora utiliza como fonte o livro para a contação? (Busatto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A forma como a professora segura o livro permite que toda plateia consiga visualizá-lo? (Coelho, 2000)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A professora faz muitas perguntas enquanto conta a história? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
As perguntas que as crianças fazem são respondidas durante a contação? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A professora conta a história em pé? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
A professora conta a história sentada com as crianças em semicírculo? (Busatto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO

O olhar da professora é distribuído igualmente a toda plateia? (Sisto, 2012)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
Os movimentos empregados pela professora durante a contação ocorrem em excesso, caracterizando uma peça teatral? (Busatto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
A professora permanece parada, com os braços cruzados, ou com as mãos no bolso, apresentando rigidez corporal, interferindo dessa maneira na sua voz? (Busatto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
As imagens corporais utilizadas pela professora esclarecem exatamente o que está acontecendo na história narrada? (Busatto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
A história é explicada ao invés de contada? (Sisto, 2012)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
Ocorrem vícios de linguagem, erros de concordância ou de flexões de gênero e número durante a contação? (Sisto, 2012)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
As pausas são feitas nos lugares corretos não alterando o significado da história? (Sisto, 2012)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A emoção da professora é notável como elemento enriquecedor do momento da contação? (Sisto, 2012)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
O diálogo, o debate, a releitura, são instigados após o momento da contação, sem a intenção didática? (Sisto, 2003)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
A professora torna explícito quando, por algum motivo, comete um erro, esquece uma parte ou gagueja enquanto conta uma história? (Abramovich, 1997)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
A dor, as frustrações que podem estar expressas na história são mascaradas? Amenizadas? Ignoradas? (Sisto, 2012)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO
Ocorrem combinados quanto a circulação de pessoas no espaço onde está acontecendo a contação? (Busatto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
Somente espaços internos são utilizados para o momento da contação? (Sisto, 2012)	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO	<input checked="" type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
Ruídos externos atrapalham o momento da contação? (Busatto, 2003)	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM	<input checked="" type="checkbox"/> NÃO